

O ENSINO DA LIBRAS COMO PRIMEIRA LÍNGUA – L1 PARA A CRIANÇA SURDA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Andressa Mouana de Freitas Rodrigues¹ - Unifesspa

Gabriella Araújo Silva² - Unifesspa

Luiz Felipe Pontes Dias³ - Unifesspa

Lúcia Cristina Gomes dos Santos (Coordenadora do Projeto)⁴ – Unifesspa

Área de conhecimento de acordo com CNPq: Ciências Humanas.

Agência Financiadora da Bolsa: Pró-Reitoria de Ensino e Extensão - PROEX.

Programa de Ensino: Programa Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense, parceria PROEX e NAIA.

Resumo: O presente trabalho objetiva abordar o ensino da Libras como L1 para a criança surda, o ensino engloba uma das atividades feitas pelo programa, desenvolvido pelo Naia, intitulado “Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense”. O trabalho tem por método qualitativo com desenvolvimento e resultados do aprendizado crescente. Assim, ações do programa auxiliam no processo de aprendizagem da criança.

Palavras-chave: Ensino da LIBRAS; Surdez; Programa de extensão; Inclusão.

1. INTRODUÇÃO

Um dos objetivos do Programa de Extensão “Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense” (PEINPS) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) é ofertar espaços educativos para pessoas surdas, contribuindo assim com a promoção da inclusão e cidadania deste público. Destaca-se que a Língua Brasileira de Sinais, é reconhecida como língua oficial pela Lei Federal 10.436/04/2002 (BRASIL, 2002), a qual foi regulamentada por meio do Decreto nº 5.626 de 22/12/2005 (Brasil, 2005). Após a implantação dessa legislação, mudanças significativas aconteceram em relação às comunidades de surdos. De acordo com o Art. 1º da Lei Federal,

[...] Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (BRASIL, 2002).

¹ Graduanda do Curso de Bacharelado em Psicologia (FAPSI/IESB/Unifesspa). Bolsista do Programa de Extensão – Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense. E-mail: andressarodrigues@unifesspa.edu.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras (FAEL/ILLA/Unifesspa). Bolsista do Programa de Extensão – Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense. E-mail: gabriella.araujo@unifesspa.edu.br.

³ Tradutor e Intérprete de LIBRAS. Técnico na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: luiz.felipe@unifesspa.edu.br.

⁴ Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia (UFPA). Técnica na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Coordenadora do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica – NAIA. E-mail: luciacris@unifesspa.edu.br.

Góes (1996) afirma que a língua de sinais é a língua materna dos surdos, a língua pela qual irá construir todo seu aprendizado e relações sociais em todas as dimensões, entende-se portanto, que a pessoa surda não tem limitação cognitiva ou afetiva por conta da surdez. Pode-se inferir então, que para a pessoa surda, aprender a língua de sinais é essencial para o seu desenvolvimento em todos os aspectos, tendo em vista que a comunicação é a base para as interações humanas e aquisição do conhecimento produzido pela humanidade, melhorando assim, a qualidade das suas experiências e as possibilidades para consolidação da linguagem. Logo, se a criança chega à escola sem saber minimamente a Libras, é fundamental que o trabalho seja direcionado para o processo de aquisição da linguagem através de uma língua visual-espacial.

Nesse contexto, no presente trabalho, relata-se a experiência do ensino da Língua Brasileira de Sinais para uma criança surda de 7 anos que está no jardim II da educação infantil. A criança tem pouco conhecimento da Libras e usa sinais caseiros para se comunicar com a família. A mãe da criança é ouvinte, e, também não sabe Libras. Desse modo, o contato com a Língua Brasileira de Sinais na vida familiar torna-se quase inexistente. Nesse sentido, segundo Sacks (2010)

Não podemos adquirir sozinhos uma língua: essa capacidade insere-se numa categoria única. Não se pode desenvolver uma língua sem alguma capacidade inata essencial, mas essa capacidade só é ativada por uma outra pessoa que já possui capacidade e competências linguísticas. É somente por meio de transação (ou, como diria Vygotsky, “negociação”) com outra pessoa que a linguagem é desenvolvida. (Sacks, 2010, p.59)

Diante disto, observa-se que para aprender uma língua é necessária uma interação com uma pessoa proficiente, haja vista que é através desse contato que a linguagem é desenvolvida e apreendida. Assim sendo, no programa de extensão, a criança surda dispõe de um tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais e de duas bolsistas com conhecimento da Libras e orientadas pelo intérprete para realizar as atividades de ensino com este aluno, dessa maneira, torna-se possível o aprendizado da Libras como sua primeira língua (L1). Nesse sentido, é perceptível a necessidade da criança com surdez usufruir do contato constante com a Libras, uma vez que esta é a principal ferramenta de comunicação desde a infância até a vida adulta. À vista disso, compreende-se a relevância da alfabetização da criança com surdez, sobretudo na Língua Brasileira de Sinais.

Considerando as peculiaridades e a relevância do tema, este resumo visa relatar a experiência desenvolvida no Programa Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de um trabalho com uma abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender a interação entre o objeto de estudo e os seus integrantes em conjunto (MINEIRO, 2022). Nesse sentido, pode-se conceber mais a fundo, através da concepção de outros autores que “A abordagem qualitativa se aprofunda no mundo dos significados” (MINAYO, 2007, p. 22).

O programa vem sendo realizado desde julho de 2024, momento em que as atividades da Unifesspa estavam suspensas por conta da greve de técnicos e professores, ainda assim, foram realizadas reuniões para iniciar e planejar as atividades do programa, estudar a Língua Brasileira de Sinais e manter os primeiros contatos com a família do estudante, apresentando a proposta de trabalho. No primeiro dia em que o estudante veio para as atividades, foi realizado um levantamento de informações sobre o nível de conhecimento da língua materna, do português e questões relativas ao conteúdo trabalhado no Jardim II.

Após o contato inicial com o estudante surdo e tendo em consideração o seu nível de conhecimento da Libras, foi definido, de forma coletiva entre os participantes do programa como seriam organizadas as atividades para, a princípio, realizar o ensino da Língua Brasileira de Sinais

como L1, as quais, seriam baseadas em aulas dinâmicas com utilização de recursos visuais para despertar a atenção da criança. Destaca-se que seguindo o protocolo, a mãe assinou o termo de consentimento para a participação do estudante no programa, bem como, foi informada de todas as atividades que estavam sendo desenvolvidas.

Durante as aulas, empregou-se vários materiais concretos em Libras como quebra-cabeça, alfabeto, dominó, jogo da memória e jogos educativos em Libras e Português. O conteúdo foi apresentado por meio de slides produzidos no canva, com predominância de imagens estáticas e em movimento, juntamente com a palavra em português, assim, o tradutor intérprete demonstrava o sinal em Libras do que estava sendo apresentado, como sinais de objetos, animais, letras do alfabeto etc. Esta estratégia foi usada, levando em conta que o surdo é bastante visual, como destaca Strobel (2008) que devido a ausência da audição e do som, o sujeito surdo tem a percepção do mundo ao seu redor e todas as alterações que acontecem através dos olhos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo em vista que as atividades do programa ainda estão em curso, os dados aqui apresentados são parciais. Isso posto, no quadro abaixo serão descritas as atividades desenvolvidas no período de julho a setembro de 2024.

Quadro 1: Atividades do PEINPS

Atividades da LIBRAS como Primeira Língua (L1)	
Conteúdos	- Vogais - Alfabeto - Objetos - Animais selvagens e domésticos - Números de 1 a 10 - Cores - Alimentos

Fonte: Os autores.

Descrição das atividades

Um dos primeiros passos para alfabetizar o estudante é apresentar as letras do alfabeto, sendo assim, inicialmente apresentamos as vogais e concomitantemente os sinais de cada vogal em Libras para que o estudante conheça uma parte do alfabeto. Na ocasião, também foram apresentados sinais em libras de objetos e animais que têm o nome iniciado com a vogal que foi apresentada. Da mesma forma, o alfabeto completo foi ensinado juntamente com a representação dos sinais em Libras de cada letra, como também, objetos relacionados ao cotidiano do aluno, como o sinal de livro, bola, dado, mochila, lixo, quadro, relógio, violão, xícara etc. Além disso, também foi ensinado os sinais de gato, cachorro, sapo, pássaro, rato, vaca, boi, feijão, maçã, laranja, carne, abacaxi, pão, cores como vermelho, amarelo, azul, laranja, verde, preto, branco e os números de um a dez etc. Com isso, enfatizava-se o ensino da Libras como L1 para que o estudante utilize os sinais em sua comunicação cotidiana. Assim, o ensino é feito com uma variedade de sinais para aumentar o vocabulário e a todo momento fazendo a utilização de imagens para melhor compreensão do conteúdo.

Nesse sentido, Reily (2003) aponta que a imagem transpassa o âmbito do ensino e sua estrutura auxilia na transmissão do conhecimento e estímulo do raciocínio, além de que o uso de representações visuais potencializa o entendimento de conceitos e construção de significados, sobretudo para os surdos. Dessa forma, é de suma importância no processo de ensino da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua a aplicação de materiais e recursos pedagógicos predominantemente visuais.

Assim, com uma proposta pedagógica que atente-se para as particularidades do ensino da Libras como L1 para uma criança surda, é possível visualizar êxito na aprendizagem da língua. Nesse sentido, atentando para o que apontam os estudiosos da área, os resultados discutidos até então, coadunam-se com o que é enfatizado por Stumpf (2004) de que os surdos carecem de ações que produzam êxito na sua educação. Diante disso, é de extrema relevância a promoção de atividades que promovam avanços efetivos na aprendizagem, o que até o momento foi possível verificar, uma vez que a criança com surdez apreendeu e ampliou o vocabulário na Libras como sua primeira língua (L1).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se a partir do ensino da Libras como primeira língua para a criança surda que para adquirir conhecimento da Língua Brasileira de Sinais é fundamental contato frequente com a língua, principalmente com uma pessoa proficiente. Além disso, é de suma importância, por ser inerente ao processo de ensino-aprendizagem da pessoa surda, utilizar de recursos pedagógicos predominantemente visuais, visto que contribuem na compreensão dos conteúdos e facilita na associação da criança surda com os sinais da Libras. Sendo assim, com as ações do programa é perceptível a sua eficiência, devido a evolução do estudante no aprendizado.

A experiência no programa leva a reflexões sobre o que consta nas diversas leis que versam acerca do direito das pessoas com deficiência, em especial a Constituição Federal de 1988, que afirma ser a educação um direito de todos, se de fato, é para todos, é urgente que se supere os entraves para inclusão dos alunos com surdez.

Por fim, até o presente o momento, com a execução das atividades do programa Práticas Extensionistas em Inclusão de Surdos: Formação de Sujeitos Inclusivos e Construção de Contextos Acessíveis no Sudeste Paraense, percebe-se a necessidade de fomentar ações que ofereçam espaços educativos para pessoas surdas.

5. REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 19 set. 2024.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Brasília: Planalto, [2005]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 19 set. 2024.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS e dá outras providências. Brasília: Planalto, [2002]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 19 set. 2024.

DESLANDES, S. F.; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.), v. 27, 2007.

GÓES, M. C. R. **Linguagem, Surdez e Educação**. 3 ed. São Paulo: Autores Associados, 1996.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MINEIRO, Márcia; A. ALVES DA SILVA, Mara; GRACIA FERREIRA, Lúcia. PESQUISA QUALITATIVA E QUANTITATIVA: imbricação de múltiplos e complexos fatores das abordagens investigativas. **Momento - Diálogos em Educação**, [S. l.], v. 31, n. 03, p. 201–218, 2022. DOI: 10.14295/momento.v31i03.14538. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14538>. Acesso em: 19 set. 2024.

REILY, L. H. As Imagens: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I.R. **Cidadania, Surdez e Linguagem**. São Paulo: Plexus, 2003. (p.161-192).

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2 ed. Florianópolis: Ed da UFSC, 2008.

STUMPF, Marianne Rossi. Sistema Signwriting: por uma escrita funcional para o surdo. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). **A invenção da surdez**: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. (p. 55-58).